

----- *Entrevista* -----**Gramsci: seu tempo e o nosso tempo****Entrevista com Guido Liguori^{*}**
Abril de 2021

ENTREVISTADORAS:

*Ivete Simionatto; Maria Lúcia Duriguetto^{**}*

E- De forma simplificada, alguns analistas argumentam que Gramsci seria politicista, entre outros elementos, por não trabalhar as determinações econômicas na estratégia revolucionária de construção do socialismo. Como o professor analisa esse tipo de perspectiva?

GL- Seguramente Gramsci dedicou grande parte de sua reflexão ao "fator político", em estreita ligação tanto com o "social" (nos anos dos Conselhos e do *Biênio Vermelho*¹, mas não só) quanto com o "cultural" (uma constante de sua reflexão, desde os anos de Torino e do artigo *Socialismo e cultura*, de 1916, aos escritos do cárcere). A economia, porém, não é negligenciada e a acusação de *politicismo* soa estranha. Em primeiro lugar porque Gramsci no *Quaderni*

^{*} **Guido LIGUORI** é professor de história do pensamento político na Universidade da Calábria e, atualmente, é presidente da *International Gramsci Society Italia* (IGS Italia). É autor de *Gramsci conteso: Storia di un dibattito 1922-1996* (1996) e *Sentieri gramsciani* (2006, - publicado no Brasil pela editora da UFRJ, em 2007, com o título *Roteiros para Gramsci*), entre outros. Organizou juntamente com Pasquale Voza o *Dicionário Gramsciano (1926-1937)*, publicado em 2020 no Brasil pela Boitempo Editorial.

^{**} SIMIONATTO, I. (Professora titular aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina. Integra o Grupo de estudos Antonio Gramsci da UFSC e o Núcleo de estudos - Estado, sociedade civil, políticas públicas e Serviço Social do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UFSC. DURIGUETTO, M. L.; (Professora Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora Pós-Doutorado pela *Fundação Instituto Gramsci* - Roma – Itália e integra o Grupo de Pesquisa Serviço Social, Movimentos Sociais e Políticas Públicas da Faculdade de Serviço Social da UFJF). Tradução e notas [NT] de Ronaldo Vielmi Fortes.

¹ [NT] O Biênio Vermelho (*Biennio Rosso*) foi um período de dois anos, compreendido entre 1919 e 1920, ocorrido logo após a Primeira Guerra Mundial, caracterizado por um intenso conflito social na Itália. No período, ocorreram várias greves de massa, manifestações de trabalhadores, e experiências de autogestão que se deram por meio da ocupação de fábricas e pela coletivização das terras. Nas cidades de Turin e Milão, conselhos de trabalhadores foram formados e várias fábricas foram ocupadas sob a liderança de anarcossindicalistas. Ao período revolucionário se seguiu, em 1922, a reação violenta dos camisas negras fascistas e pela *Marcha sobre Roma* sob a liderança de Benito Mussolini.

esclareceu, no entanto, que a hegemonia deve incidir na esfera política, social e cultural, mas em ligação indispensável à econômica, escrevendo entre outras coisas: “se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter o seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica” (Q 13, § 18). Em segundo lugar, porque nos *Quaderni* existem elementos de análise econômica, no que diz respeito às categorias de "mercado determinado", "*Homo oeconomicus*", "queda tendencial da taxa de lucro" etc. (para aprofundar todos estes conceitos, remeto ao *Dicionário Gramsciano 1926-1937*, editado com Pasquale Voza e traduzido para o Brasil pela editora Boitempo). Por fim, mas não menos importante, é preciso lembrar que a partir da década de 1970 foi revelado que Gramsci havia dedicado uma análise muito mais aprofundada à dimensão política que outros marxistas e que o próprio Marx, pelo menos no que diz respeito aos países mais desenvolvidos, preenchendo de certa forma um vazio. Eric Hobsbawm disse, na Convenção de Florença de 1977 sobre "Política e História em Gramsci", que Gramsci finalmente preencheria uma lacuna que existia em Marx e no marxismo, ou seja, uma análise escassa da política e do Estado. Portanto, este aprofundamento das formas de política que há em Gramsci representa algo a ser apreciado e valorizado, não um limite.

348

E- Muitos estudos culturalistas utilizam o pensamento de Gramsci como aliado na luta contra o "determinismo" econômico, na defesa da celebração das diferenças culturais e subjetivas, na defesa de que as classes sociais não seriam organizadas segundo a mesma posição na estrutura produtiva, mas por indivíduos e por seus particularismos étnicos, culturais, sexuais etc. Para o professor, como Gramsci responderia a esses "usos" de seu pensamento?

GL - Gramsci é um defensor de um marxismo anti-determinista. Essa impostação veio a ele desde sua formação cultural juvenil, que ocorreu nos anos de reação ao positivismo e o renascimento do tema da subjetividade, graças à afirmação do bergsonismo, do pragmatismo, do neo-idealismo, todas as filosofias "do sujeito" em contraste com o "objetivismo" positivista. Tais influências, que levaram o jovem Gramsci a momentos de hipersubjetivismo idealista, foram então reduzidas, relativizadas, a partir da Revolução Russa e do estudo da obra de Lênin, graças aos quais Gramsci se tornou verdadeiramente um marxista. Mas não desapareceram, e o sujeito, a cultura, a política continuaram a desempenhar um papel importante em seu marxismo, ainda mais na época da redação dos *Quaderni del carcere*. Hoje, os *estudos culturais* muitas vezes erram ao acreditar que veem em Gramsci o abandono total de uma ótica tipicamente

marxista, esquecendo que ele parte de sua leitura da realidade caracterizada pela luta de classes. Só que sua visão não é a do "economicismo" ou do "materialismo vulgar", é muito mais complexa. Porque Gramsci não nega, implícita ou explicitamente, que outros fatores (culturais, étnicos, sexuais, justamente) também entram na constituição da subjetividade, mas acredita que eles sempre se combinam com a determinação econômico-social, sem cancelá-la. Nesse sentido, Gramsci recorre à metáfora do esqueleto para representar seu conceito de "bloco histórico", que é uma relação de influência mútua entre estrutura e superestruturas: "entre estrutura e superestruturas existe um nexos necessário e vital, assim como no corpo humano entre a pele e o esqueleto: seria um despropósito se se afirmasse que o homem se mantém ereto sobre a pele e não sobre o esqueleto, todavia isso não significa que a pele seja uma coisa aparente e ilusória, tanto mais que não é muito agradável a situação do homem esfolado"(Q 4, § 15). O esqueleto é a estrutura, os fatores econômico-sociais, que permanecem fundamentais. Mas também a "pele", ou todos os outros fatores que não são imediatamente econômicos, contribuem para determinar os seres humanos como eles realmente são, sua vida efetiva, suas necessidades. Lembramos que Gramsci nos convida a uma "filologia vivente" (Q 11, § 25), isto é, a prestar muita atenção ao que as mulheres e os homens realmente são, não a como certos esquemas teóricos (incluindo os marxistas) gostariam que fossem.

E- Um dos temas importantes e persistentes na reflexão de Gramsci é sobre a “crise político-social do pós-guerra”. Também vivemos hoje uma crise orgânica - política e econômica - de grandes proporções. Em sua opinião, como Gramsci nos ilumina para pensar a respeito da atual crise capitalista acentuada pela pandemia?

GL- Podemos pensar a crise atual como uma "crise orgânica", e também como uma "crise de hegemonia", que também é um conceito gramsciano (Q 13, 23), ou pelo menos como o início de uma crise de hegemonia, porque a pandemia mostrou como o egoísmo capitalista, a privatização da saúde e as indústrias farmacêuticas não nos permitem responder à ameaça de morte frente a qual a humanidade se encontra. De que vale, por exemplo, que apenas as pessoas mais ricas possam ser vacinadas? Isso não significa que o vírus deixará de ameaçar a todos. E o que a economia neoliberal pôde e estava disposta a fazer, diante de uma economia de joelhos por causa de Covid? Em muitos campos (econômico, social, sanitário), pelo menos em vários países, como os Estados Unidos ou a Europa, foi necessária uma intervenção massiva do Estado e da coletividade. Muitas certezas do neoliberalismo também desapareceram no "senso comum" de massa. A crise é econômica, mas minou ainda mais o "senso comum" sobre o qual a

burguesia capitalista apoia seu poder. E muitas certezas do mercado ou da iniciativa econômica privada foram profundamente abaladas.

E- Um dos conceitos centrais da obra de Gramsci é o conceito de Estado, que compreende a sociedade política e a sociedade civil. Estamos vivenciando um processo crescente de autonomia da sociedade política em relação à sociedade civil, que aprofunda a separação entre “governantes e governados”, entre “dirigentes e dirigidos”. Como enfrentar esse problema hoje na perspectiva da construção de uma “contra-hegemonia”?

GL- No tempo de Gramsci, ele viu a unidade dialética da sociedade política e da sociedade civil realizar-se sob a hegemonia da sociedade política, ou na presença de um forte fortalecimento do Estado, muito diferente do Estado liberal do século XIX que Marx enfrentou. Essa onipresença do estado nos primeiros 70 anos de 1900 teve aspectos fortemente democráticos, mesmo no Ocidente (o estado de bem-estar), sob a pressão da "ameaça" de popularidade dos países do "socialismo real". Hoje às vezes parece que o protagonismo do Estado assume cores "bonapartistas", quando as classes em luta dependem de um indivíduo, de uma "grande personalidade", muitas vezes não real, mas artisticamente construída pela televisão, pelos *mass media*, pela mensagem extremamente simplificada que veiculam, reduzindo a política à escolha de um belo rosto ou de uma bela voz. Acredito que a estrada para uma "contra-hegemonia" (se quisermos usar este termo, que porém *não é* gramsciano: prefiro falar de uma hegemonia diferente, em luta com a existente) ainda é o da política como uma organização de massa, de baixo, não apenas de *massmedia* ou de lideranças. Os líderes também podem desempenhar papel progressista também importante, como frequentemente tem sido na história do movimento socialista e comunista, mas somente se são a expressão de um partido, um sindicato, uma democracia de massas, e não vice-versa. Acredito que devemos ainda almejar a construção de uma democracia ampla e articulada a partir de baixo, mesmo que a despolitização da sociedade certamente não ajude a perseguir esse objetivo.

E- Gramsci atribui aos intelectuais um papel decisivo na construção da hegemonia. Como o professor analisa o papel dos intelectuais na resistência cultural e na luta política na realidade contemporânea?

GL- É verdade, Gramsci confere grande importância aos intelectuais. No entanto, não penso que ele alguma vez tenha acreditado na possibilidade de um “protagonismo dos intelectuais”, como às vezes muitos parecem acreditar hoje. Gramsci sempre acreditou no papel fundamental

dos intelectuais, mas apenas no âmbito de uma organização política (um partido comunista, por exemplo), ou mesmo em uma relação forte com as organizações de auto-organização de classe (os conselhos operários, no tempo da *L'Ordine Nuovo*², época em que, no entanto, o partido político também estava bem presente no pensamento gramsciano). A luta por uma hegemonia diferente foi vista por Gramsci como centrada em torno de um partido político, especialmente após a fundação do Partido Comunista da Itália, e então na reflexão do *Quaderni* (a temática do "Príncipe moderno", a qual é dedicada o *Quaderno 13*). Hoje esta condição de centralidade de um partido político revolucionário das classes populares, educador e guia das massas, é muito mais rara e difícil. E é uma dificuldade enorme para nós aplicarmos a lição de Gramsci hoje. Em todo caso, seja qual for a solução que se queira dar ao problema da crise do partido político, não creio que os intelectuais possam ser em si os protagonistas da luta política: podem ajudar (enormemente) a luta política, mas deve centrar-se nas classes trabalhadoras, na organização das classes populares, numa relação dialética com os intelectuais revolucionários, mas não como centrada nestes últimos. Se quisermos permanecer fiéis a uma perspectiva gramsciana, obviamente.

E- As disputas culturais e ideológicas hoje têm relação direta com a construção da hegemonia, na medida em que influenciam a opinião pública e constroem um modo de pensar. Como você interpreta o papel da *social network*, da Internet e das novas tecnologias em geral na formação de uma determinada concepção de mundo? Qual o papel da *social network* na construção do discurso hegemônico, em particular, no atual contexto da recrudescência do pensamento ultraneoliberal e das tendências neofascistas em várias partes do mundo?

GL- No que diz respeito à "batalha de ideias", à influência da opinião pública, a *social network* são geralmente superestimadas na construção de um discurso hegemônico. Na realidade falamos (sobretudo no *facebook*, que é o único que conheço o suficiente) sobretudo com quem já está mais ou menos de acordo conosco, com a nossa "bolha", como dizem, com quem se escolheu como "amigos" e que muitas vezes estão próximos de nós como "visão de mundo". Em vez disso, ainda é o discurso "unidirecional" que forma a opinião pública, ou seja, o discurso da TV, do rádio, dos jornais e até dos sites da internet, onde se dão as informações com base nas quais uma opinião é criada. Nisso, porém, devemos ter muito cuidado, pois muitos sites

² [NT] Periódico semanal italiano, fundado em 1º de maio de 1919, por Antonio Gramsci e outros jovens intelectuais socialistas de Turim, dentre eles figuravam Palmiro Togliatti, Umberto Terracini e Angelo Tasca (na época dirigentes da *Federazione Giovanile Socialista*).

estão "contaminados", difundem ideias falsas e enganosas. No entanto, os custos reduzidos de um jornal *on line*, de um site *web* – em comparação com uma emissora de TV ou um grande jornal – também oferecem potencial, também oferece às organizações político-culturais das classes populares a possibilidade de terem seus próprios "meios de comunicação". Claro, a Internet também é um terreno em que ocorre a luta pela hegemonia. Mas mesmo nesse campo, quem tem mais recursos econômicos acaba fazendo com que sua voz seja mais ouvida. A construção de um poder alternativo ao das classes dominantes não pode e não deve se limitar à internet para tentar se organizar e crescer: é uma ilusão. A Internet, por outro lado, pode desempenhar um papel importante no que concerne ao "boca a boca", à mobilização, à comunicação rápida, à organização de manifestações. É um instrumento, não pode substituir a realidade concreta do conflito de classes, feito de mulheres e homens de carne e osso.

E- Para Gramsci, o partido político tem papel fundamental no processo de luta pela hegemonia. Atribui ao partido a tarefa de construir o terreno necessário para a formação de uma vontade coletiva capaz de realizar a reforma intelectual e moral. Hoje, porém, vivemos uma crise da democracia representativa, que envolve também uma crise dos partidos políticos. Como avalia a perda da centralidade dos partidos na agregação dos diversos interesses da sociedade e no contato com as massas? Teriam os partidos perdido o papel de agregadores da vontade coletiva, como pensava Gramsci?

GL- Como já mencionei acima, a crise do partido político é um dos elementos que mais nos distanciam da época de Gramsci. Não sei como responder a isso. Provavelmente é preciso ter muita criatividade, ser menos "ortodoxo". Não pensar em criar formas de partido iguais às dos partidos comunistas clássicos, por exemplo. Embora eu acredite que o partido político como "parte" que se junta para mudar o "estado atual das coisas" é sempre necessário. No entanto, eu distinguiria a crise do partido político e dos partidos políticos da crise das instituições representativas. No fundo, o próprio Gramsci viveu um período em que os comunistas não confiaram na "democracia representativa", no parlamentarismo, pelo contrário, se opuseram a ele. Talvez – sem renegar a democracia parlamentar e liberal, da qual entendemos a importância quando se instalaram as ditaduras fascistas – fosse necessário pôr à prova a possibilidade de fazer nascer, ou fazer renascer, ou desenvolver, uma democracia "de base", do tipo dos conselhos. Hoje já não baseada na fábrica, como nos tempos de Gramsci, mas de diferentes formas aderindo à vida quotidiana das classes populares, dos trabalhadores e dos sem trabalho, no auge do nosso tempo, em que não é sempre e em toda parte difundido o modelo da grande

fábrica que caracterizou a Turim de Gramsci e as outras cidades industriais de sua época e de quase todo o século XX. Uma democracia constituída por representantes que sempre podem ser revogados, com um “mandato imperativo”, expressão de grupos sociais que tendem a ser, na medida do possível, homogêneos, que sustentam – se não substituem – a democracia parlamentar, a condiciona, se entrelaça com ela, favorecendo a participação popular e a luta ao elitismo político.

E- Construir a revolução foi a meta perseguida por Gramsci ao longo de sua vida. E esse ainda é o objetivo que perseguimos hoje, mesmo diante de condições mais adversas e complexas relativas à ofensiva do capital. Como Gramsci nos ajuda a pensar a revolução hoje?

GL- Em minha opinião, ainda existem muitos ensinamentos Gramscianos válidos, alguns deles já mencionamos nas respostas precedentes. Por exemplo, uma concepção dialética do marxismo, não economicista-determinista, em que a economia seja determinante apenas "em última instância", como disse Engels, ou em que há também temáticas não imediatamente econômicas, mas ético-políticas. civis, culturais, de gênero, de raça etc. Ou, outro exemplo, uma relação entre intelectuais e trabalhadores que seja de escuta e ensinamento recíprocos, como nos tempos da *L'Ordine Nuovo*. Gramsci foi definido por um dos dirigentes dos operários comunistas da FIAT durante *Biênio Vermelho* 1919-1920: "um dirigente que soube ouvir". Uma bela imagem, que significa que os políticos-intelectuais não devem apenas liderar as massas, mas devem aprender com elas, ouvir, compreender suas exigências, suas necessidades, partir de seu "senso comum" para não o aceitar como é (assim como, por vezes, os *Cultural Studies* fazem hoje). Existem, portanto, muitos fundamentos gramscianos ainda úteis hoje. Na condição, no entanto, de compreender que *não* se trata de "imitar" Gramsci, mas de "traduzi-lo" (categoria fundamental de Gramsci, a da "tradução"), de introjetar sua lição sabendo que estamos atuando em um tempo histórico muito diverso, em que é preciso voltar a propor alguns pilares do ensinamento de Gramsci, tornando-os atuais, reinventando-os por completo, por vezes, tendo em conta o novo contexto em que se inserem.

E- Em sua obra *Gramsci conteso*³, o professor traça um panorama das publicações e interpretações de Gramsci no mundo, de 1922 à primeira década dos anos 2000. Em sua

³ [NT] LIGUORI, Guido; *Gramsci conteso*. Interpretazioni, dibattiti e polemiche 1922-2012; Roma: Editori Riuniti, Univ. Press, 2012.

análise, a pesquisa e o interesse por Gramsci continuam com a mesma vitalidade no momento atual? Como você vê essa tendência no Brasil, na América Latina e em outros países?

GL- O *Gramsci conteso* (que tem duas edições, uma de 1996 e outra de 2012) é um livro que faz a história das interpretações gramscianas especialmente na Itália: uma história longa e complexa, ligada à vida política e cultural do país. Uma história que continua e talvez ainda mereça ser estudada. Depois, há o grande tema do destino de Gramsci no mundo, que na segunda edição está sobretudo presente, mas não desenvolvida. É um tema cuja relevância começamos a compreender apenas na década de 90 do século XX. Nasceu então a *International Gramsci Society* (IGS), cujas “seções” mais relevantes hoje são a italiana e a brasileira. Através do IGS, a densa rede de contatos, relacionamentos, amizades que nele surgiram, acompanho o desenvolvimento do destino do pensamento de Gramsci no mundo. E vi como a América Latina é talvez a área geocultural mais interessante até hoje, na qual Gramsci está muito presente. No Brasil, em particular, tenho visto um enorme desenvolvimento da influência de Gramsci (começando com o ensinamento de Carlos Nelson Coutinho), que passou por várias fases, incluindo o declínio relativo. Mas há campos de estudo e militância política em que o marxista e comunista sardo ainda está muito presente. Não é por acaso que Bolsonaro e seu governo tentaram desde o início cancelar a presença de Gramsci em universidades e escolas. Espero e acredito que esta tentativa falhou e fracassará também no futuro e que Gramsci dará uma forte contribuição para a retomada e o desenvolvimento da cultura crítica e da democracia no Brasil e no resto da América Latina. Quanto ao Brasil, acredito que em primeiro lugar o exemplo e a memória de um intelectual tão rigoroso e apaixonado como Carlos Nelson Coutinho servem de exemplo para continuar o estudo de Gramsci e sua “tradução” (no sentido mencionado acima) no mundo e no Brasil de hoje.

E- A chamada virada filológica nos estudos gramscianos nos últimos anos tem suscitado debates, controvérsias e dúvidas entre o Gramsci teórico e o Gramsci político. Como você analisa essas tendências de pesquisa e estudo?

GL- Gramsci deve primeiro ser estudado e compreendido. Ele não é um autor fácil. Sobretudo a sua obra principal, os *Quaderni del carcere*, é muito complexa por vários motivos: pela autocensura carcerária, porque são notas não destinadas à publicação e que foram publicadas sem que o autor pudesse prepará-las para publicação, por se tratar de leituras póstumas, lidas muitos anos após sua redação etc. Portanto, a “virada filológica” dos estudos gramscianos foi,

sem dúvida, muito importante e positiva, nos ajudou e nos ajuda muito a realmente compreender Gramsci, a lê-lo de forma não superficial e muito imediatamente político, atual. Esta última tendência está errada, de fato. Gramsci deve ser compreendido, deve ser colocado em seu tempo histórico, em relação aos livros que leu, aos fatos históricos sobre os quais refletiu. Os *Quaderni* são um *work in progress*, no qual Gramsci até muda de opinião sobre alguns julgamentos, ou os desenvolve de forma significativa. Para isso, precisamos de uma leitura diacrônica dos *Quaderni*, que só a "virada filológica" (iniciada por Valentino Gerratana e continuada por Gianni Francioni) torna possível. As afirmações de Gramsci nos *Quaderni* devem ser sempre inseridas em um *contexto*, uma leitura filológica cuidadosa deve ser feita. A única citação isolada tomada em si mesma, repetida como um *slogan*, pouco significa. O próprio Gramsci afirma que "a busca do *leitmotiv*, do ritmo do pensamento em desenvolvimento, deve ser mais importante do que as afirmações casuais individuais e aforismos destacados" (Q 16, § 2). Uma vez que Gramsci seja *compreendido*, pode-se tentar "traduzi-lo" para o mundo de hoje e também para a luta política e de classes de hoje. Traduzir significa para Gramsci, como recordei, não transpor *mecanicamente*, mas reformular um juízo, um conceito, mas repensá-lo como um todo. Se alguém busca ensinamentos muito imediatos nos textos de Gramsci, sem primeiro o necessário estudo *filológico e hermenêutico*, sua lição é mal compreendida.

E- Carlos Nelson não se deteve a analisar profundamente, do ponto de vista da economia política, o desenvolvimento do capitalismo brasileiro, porém, conhecia a literatura clássica sobre o assunto e tinha um posicionamento claro sobre as determinações de nossa formação social. É com sua concepção do desenvolvimento do capitalismo brasileiro que o marxista baiano defende a proposição do "reformismo revolucionário" como processo de democratização da sociedade brasileira e construção socialista. Alguns analistas concebem essa formulação coutiniana como *politicista*. Como você analisa essa questão do reformismo revolucionário proposto por Coutinho?

GL- Não estou em condições de entrar nos méritos do desenvolvimento político-econômico brasileiro, embora muitas vezes já tenha ouvido e discutido com Carlos Nelson também sobre o Brasil, sua história e sua situação política. O conceito de "reformismo revolucionário", no entanto, se o entendi bem, sobretudo quando falei sobre ele com Carlos, parece-me uma concepção muito gramsciana. O que isto significa? Isso significa que é necessário considerar a fundo a *revolução do conceito de revolução* (eu a defino assim) que Gramsci avança – diz ele a partir de Lênin – em meados da década de 1920 (em 1923-1924, para ser exato, depois de sua

permanência de um ano e meio na Rússia Soviética da NEP, o "frente única"⁴ etc.) e que a seguir retoma nos *Quaderni*. Isso significou para Gramsci que era finita a época da revolução-insurreição, da "guerra de movimento" do século XIX, da qual a Revolução Russa foi o último episódio em 1917, e começou uma luta revolucionária pela transformação *gradual* da sociedade, com a conquista de "fortalezas" e "casamatas" e a formação de um novo "senso comum das massas" (Q 8, § 213). Sempre com o objetivo de sair do capitalismo (essa é a diferença com a social-democracia clássica, com o reformismo clássico). E usando e expandindo a democracia. "Reformismo revolucionário" tem para mim o significado de uma retomada do ensinamento mais importante, talvez, de Gramsci, vinculado ao conceito de hegemonia e de "reforma intelectual e moral". E da *revolução do conceito de revolução*.

⁴ [NT] Instituída logo após o III Congresso do Comintern (1921), a política de *frente única* buscou estabelecer a unidade de ação entre os partidos comunistas e socialistas, como medida tática cujo objetivo era fortalecer as organizações comunistas e favorecer possíveis processos revolucionários.